



a ARCA do TESOURO

Um Pequeno Conto Musical
Alice Vieira · Eurico Carrapatoso

De cada vez que acaba a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas, há uma voz que rompe das raízes das árvores adormecidas e entra no coração das pessoas.

Então as pessoas abrem os olhos devagar,

muito
de
va
ga
ri
nho

porque a voz que agora as habita lhes murmura:

— Chegou o tempo de não ter pressa.

E os dias duram muito mais, porque o sol se deixa ficar pendurado no céu durante muito mais tempo, e estende os seus braços e entra na terra

na areia da praia

no cabelo das mãos

nos gelados que se derretem nas mãos das crianças

Mas enquanto dura a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas — é tudo muito diferente.

Maria não gosta desse tempo.

Porque então as pessoas ficam com uma voz áspera, suportam mal o cheiro da humidade entranhado nas camisolas e nos casacos

espirram
têm tosse
gritam

respondem torto

têm saudades dos amigos que desapareceram
protestam por **tudo** e por **nada**.

Até a mãe de Maria fica, nesse tempo, igualzinha às outras pessoas — e às vezes diz palavras que magoam.

E não se pode culpar ninguém: é a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas que as fazem ficar assim.

Com voz e olhos e coração de Inverno.

Nada a fazer.

É nessas alturas que Maria vai buscar a sua caixa de tampa azul.
Azul, cor do céu quando o mau tempo abranda.

Foi a avó que lhe deu essa caixa.

Num dia em que ela tinha chorado a tarde inteira.
Porque na véspera o pai tinha chegado a casa muito tarde e, quando
Maria correria a sentar-se no seu colo, ele dissera, com uma terrível voz
de Inverno

«Já estás muito crescida para colo»

e quase a enxotara como se enxota um gato que nos aborrece.
O gato que Maria está sempre a pedir.
«Era só o que faltava nesta casa...» — resmungava ele.

Então a avó passou-lhe para as mãos uma caixa redonda com uma
tampa azul

(azul, como o céu quando o mau tempo abranda)

e disse-lhe:

«é a tua arca do tesouro»

Maria olhou para dentro da caixa, mas não viu tesouro nenhum. Nem tesouro nem outra coisa qualquer.

Nada de nada.

A caixa estava completamente

vazia ...

— Aqui não há tesouro nenhum... — murmurou ela.

A avó deu uma grande gargalhada.

(A avó nunca tinha voz de Inverno)

— Claro que não! O tesouro és tu que o vais pôr aí dentro!

Maria não estava a entender nada.

Que tesouro?

E onde ia ela agora descobrir um tesouro?

E quanto custava um tesouro?

A mãe estava sempre a dizer que não havia dinheiro para nada e que por isso é que o pai chegava a casa cada vez mais tarde...

Então a avó explicou-lhe que há muitos tesouros mesmo, mesmo à nossa beira, só que nós é que não damos por eles...

— Às vezes — disse a avó —, quando te aborreces com alguém, ou quando alguém te magoa, mesmo sem querer, (como ontem o teu pai, por exemplo) não te apetece gritar, dizer palavras desagradáveis, sei lá, o que te vier à cabeça?

Maria sorriu e nem respondeu.

— Então, nessas alturas, vais buscar esta caixa, e deitas cá para dentro todas as palavras que te apetece dizer! Todas, todas, todas!

Palavras más

boas

feias

bonitas

curtas

compridas

fáceis

difíceis

simpáticas

antipáticas

palavras que só tu conheces

palavras que nem tu conheces

palavras que nem existem em língua nenhuma

E vais ver como te sentes melhor e como tudo fica diferente à tua volta.

Maria pegou na caixa, com muito cuidado, como se um verdadeiro tesouro já estivesse lá dentro.

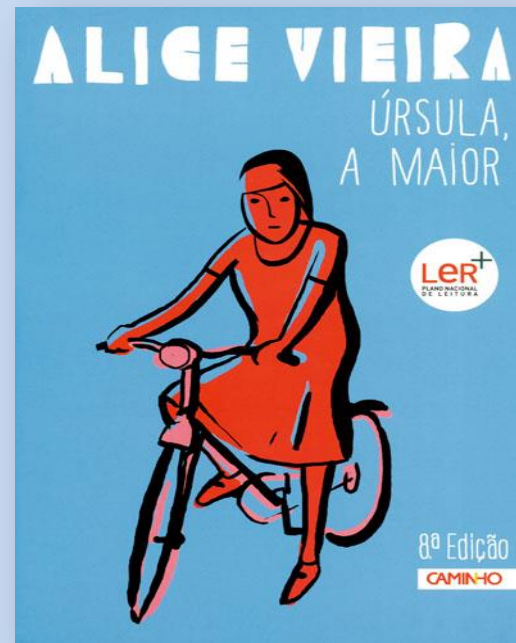
Mas a avó ainda não tinha contado tudo.
Porque não era só para isso que a caixa servia.

— Às vezes — disse a avó — também temos saudades de algumas palavras. Palavras que formam frases que não dizemos muito. Ou, quando as queremos dizer, até parece que nos ficam agarradas na garganta e não conseguem sair de lá. Por exemplo... «gosto muito de ti»... Quantas vezes queremos dizer esta frase e não dizemos? Porque temos vergonha... Porque temos medo que nos possam responder «estás tonta, ou quê?, mas o que é que te deu?» E coisas assim.

Então abres a caixa e deitas também essas palavras lá para dentro. E ainda não é tudo. Se tiveres saudades de alguém ou de alguma coisa, também podes dizê-lo para dentro da caixa. Ela entende tudo!

Depois é preciso tapar a caixa muito bem, para que as palavras não fujam! E, quando um dia precisares delas, já sabes que elas estão aí, escondidas, à tua disposição. Na tua arca do tesouro.

**Compre livros de
Alice Vieira.
Invista no futuro
dos seus filhos.
Clique na imagem.**



Mais leituras em:

www.escolovar.org/lp.htm